

Assunto: FEBEM, 30 ANOS – Monitores denunciam "política do couro" em ano

 Caixa de Entrada

Mauro Alves da Silva <mauro_gremio@hotmail.com> wrote:

From: "Mauro Alves da Silva" <mauro_gremio@hotmail.com>
To: fecharfebem@yahoo.com
CC: gremio_sudeste@yahoo.com
Subject: FW: [per_educ] Febem (site: reportersocial.com.br)
Date: Fri, 05 May 2006 08:56:10 -0300

>From: "Ariel de Castro Alves"
>Reply-To: per_educ@yahoo.com.br
>To:
>Subject: [per_educ] Febem (site: reportersocial.com.br)
>Date: Thu, 4 May 2006 23:25:57 -0300
>
> 29/04/2006 08:08h
>FEBEM, 30 ANOS – Monitores denunciam "política do couro" em ano eleitoral
>
>por ALCEU LUÍS CASTILHO
>
>SÃO PAULO - "Tal como descrito pelos trabalhadores, existe na instituição a
>'política do couro'. Esta política incentiva a contenção com uso de força
>física em períodos eleitorais, estabelecendo assim uma diretriz de trabalho
>baseada na 'linha dura', recomendada, incentivada e reconhecida pela
>instituição, através das direções de unidade. O objetivo de tal política
>seria o de evitar ao máximo os tumultos e as rebeliões e suas repercussões
>na mídia. Os diretores, em off, passam para os funcionários o quê? Que tem
>que segurar a casa porque é ordem do governador, que é ano eleitoral."
>
>O trecho acima, em que se destaca (em itálico) a declaração de um monitor
>da Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor de São Paulo, está no relatório
>"O Trabalho dos Monitores na Febem". O texto foi divulgado na segunda-feira
>(24 de abril) pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina
>do Trabalho (Fundacentro), ligada ao Ministério do Trabalho e Emprego.
>
>Os relatos foram feitos de forma anônima, entre 2003 e 2005. A pesquisa foi
>feita a pedido do Sindicato dos Trabalhadores em Assistência ao Menor e à
>Família do Estado de São Paulo e Febem (Sitraemfa).
>
>"Para a execução da 'política do couro' os monitores realizam horas-extras
>com autorização da instituição. Isso para os trabalhadores é extremamente
>convidativo, pois aumenta seus salários e ao mesmo tempo resolve o problema
>de falta de funcionários, conseguindo assim 'segurar a casa'. Começa-se a
>pagar hora-extra e a obrigar os funcionários a fazer hora-extra. Então numa
>ala que você tem 4, 5 trabalhadores, trabalhando, você vai ter 10, 12."
>
>Outra versão
>
>A presidente da Febem, Berenice Gianella, estava presente ao evento e
>apresentou outra versão para a proliferação de horas-extras na instituição.
>"Tem funcionário que provocava rebelião para ganhar hora-extra", afirmou,
>ao lado de uma promotora do Ministério Público do Trabalho e de
>representante da fiscalização do Ministério do Trabalho.
>
>A Febem acaba de completar 30 anos.
>
>
>
>
> 30/04/2006 13:18h
>FEBEM, 30 ANOS – Relatos exibem o cotidiano do abuso e do descaso
>
>1. OS MONITORES
>



>Entre 2003 e 2005, 65% dos atendimentos a funcionários da Fundação Estadual
>do Bem-Estar do Menor (Febem) no Centro de Referência em Saúde do
>Trabalhador da Mooca identificaram quadros de transtorno mental. Os dados
>corroboraram um levantamento feito pela Delegacia Regional do Trabalho
>(DRT/SP) em 2003, relativo aos benefícios concedidos pelo INSS entre 1998 e
>2003. Neste levantamento, 60% dos diagnósticos apontavam o mesmo problema:
>transtorno mental. Os relatos dos monitores à Fundacentro explicam o
>porquê.

>
>Leia, a seguir, alguns trechos do relatório e, em itálico, declarações dos
>monitores.

>
>As ameaças:

>
>"O menino solicita o monitor constantemente, pedindo um cigarro, uma
>caneta, um tênis, a camisa, o relógio do monitor. Em geral esses pedidos
>são acompanhados de posturas ameaçadoras por parte dos meninos, ou seja,
>dar um apavoro ou dar um psico no monitor para que ele faça o que o menino
>quer. É uma prática constante e os monitores referem que não podem ceder,
>têm que dizer não, pois se cederem uma vez podem até levar drogas,
>celulares, etc."

>
>O papel:

>
>"O nosso papel lá até então é de educador, se eles nos enquadrarem com
>estilete eu dou a chave e deixo ir embora. Esse é um conselho que eu passo
>pra minha equipe de funcionários: não deixo ninguém ir pro confronto, não
>peite o estilete porque é bobeira."

>
>Segundo os funcionários, a capacitação para o trabalho de educadores – mas
>com situações de segurança – dura apenas três dias, quando existe.

>
>"Não há capacitação para o acompanhamento do menino em atividades externas
>nem nenhum tipo de treinamento em defesa pessoal."

>
>Quando morre alguém da família, o interno tem direito a ir ao local,
>acompanhado de dois monitores. Na prática, vai um só:

>
>"(...) quando esse menino chega lá que ele se depara, dentro do cemitério,
>ali vai estar a família dele e vai estar os comparsas dele. Na maioria das
>vezes estão os comparsas. A probabilidade desse menino voltar é zero
>>vírgula alguma coisa. Depende da cabeça do menino, se ele quer voltar ou
>não, porque se esse menino não quiser voltar, tchau."

>
>No fim das contas, a transformação soa inevitável para alguns:

>
>"Eu comecei a mudar a minha posição, o jeito que eu lidava com a situação,
>comecei a mudar e a virar o linha-dura e soltar o 'bicho solto' que tem
>dentro, soltar o bicho que tem dentro de cada um, tá certo? Comecei a
>soltar esse ser para fora e aí comecei a ter problemas dentro de casa,
>porque a minha mãe já não me conhecia mais, tinha uma namoradinha, me
>largou também e aí começou uma série de fatores, né, aconteceu e eu virando
>o 'bicho solto'. Depois que você muda seu jeito de ser, você percebe que as
>pessoas começam a te valorizar."

>
>Outros ficam com depressão:

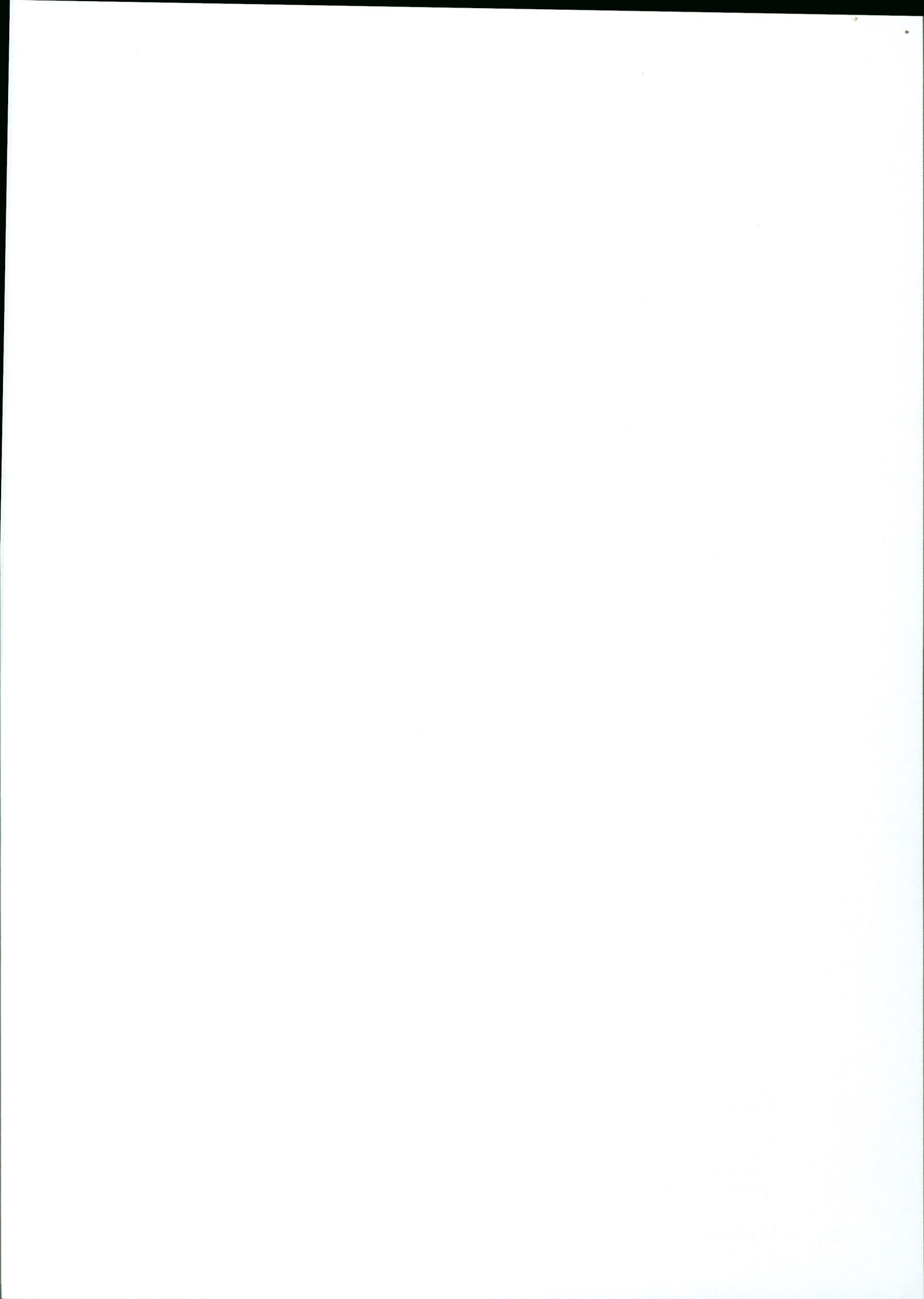
>
>"Olha, a depressão eu comecei assim, porque de repente eu comecei a
>perceber que dentro da unidade muita coisa me irritava, eu ficava nervosa,
>eu via determinadas coisas que eu ... (...) Teve muitas vezes que eu
>segurei unidade como coordenadora, no caso de férias de alguém, eu assumia
>e chegaram casos de um menino me tirar fora do sério."

>
>E outros têm destinos trágicos:

>
>"No meu caso foi mais bebida, tinha outros que entraram nas drogas,
>saíram da Febem, abandono de emprego, tem outros que partiram pro crime,
>foram presos, foram pra cadeia, tem muitos caras que bebem ainda hoje na
>Febem,entendeu? Na hora dos intervalos."

>
>2. A INSTITUIÇÃO

- >
- >"A Febem nunca falou o que quer da gente", repetiram vários monitores à
- >Fundacentro.
- >
- >Os relatos mostram também as condições físicas de trabalho:
- >
- >"Porque a população que tá lá é pesada, as casas superlotadas, não existe
- >separação por idade, faixa etária, não existe acomodação para todos,
- >material de higiene tá faltando, condições pedagógicas inexistentes,
- >atividades esportivas estão fazendo, mas tendo muita briga entre os
- >menores, existe grupo rival, facções criminosas."
- >
- >Segundo os funcionários, ou não há instruções suficientes para o
- >cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente, ou é a própria
- >instituição que o descumpre. Eles descreveram à Fundacentro a existência de
- >uma classificação entre os internos, feita pelos próprios adolescentes,
- >completamente à margem das medidas sócio-educativas que uma Fundação
- >deveria oferecer:
- >
- >1) A Arma do Bandido – são internos utilizados por outros para cometer
- >infrações.
- >
- >2) Gardenal - adolescentes com transtorno mental.
- >
- >3) Jack - autores de estupros.
- >
- >4) Laranja - 'filhos de pais de família', adolescentes em melhor situação
- >econômica.
- >
- >5) Bandidos - integrante de quadrilha.
- >
- >6) Piloto - líderes.
- >
- >7) Seguro - jurados de morte, entre eles os "Jack" e "Gardenal".
- >
- >Mas por que isso ocorre?
- >
- >"A forma de construção do prédio, ela traz bastantes características para
- >que se crie um barril de pólvora.'
- >
- >"Tem umas coisas faraônicas, que a gente não entende até hoje: primeiro
- >inaugurou a 30 (complexo de Franco da Rocha), os meninos passaram alguns
- >meses lá, fizeram uma grande rebelião. A Febem tentou readequir a 31,
- >estava nova, ela já passou por uma reforma, nova, sem receber menino!
- >Readequação porque pressentiram que tinha uma coisa frágil na 30 (...)
- >quebraram as camas de concreto lá, já cataram os ferros para furar os
- >funcionários."
- >
- >Um dos relatos mostra os bastidores da maior rebelião da história da Febem,
- >no extinto complexo Imigrantes, em 1999, quando um dos adolescentes foi
- >decegado pelos colegas. O contexto era de alcoolismo e consumo de drogas
- >entre os funcionários:
- >
- >"Na hora do almoço, ia almoçar, nooosssa! Na hora da janta também bebia,
- >entendeu? Isso era a maioria dos funcionários, muito funcionário, iche! Aí,
- >uns já começaram, não conseguiam mais dormir, já ficavam, já começaram a
- >tomar remédio antidepressivo, assim foi indo. Aí começou rebelião, teve um
- >colega meu que ficou na ponta da faca, ta na primeira página do jornal, na
- >última rebelião, eu tava lá no dia, vi a cabeça do moleque, jogaram a
- >cabeça no pé da gente, por sorte que eu consegui escapar, sob telhada,
- >paulada eu consegui sair de lá."
- >
- >3. OS DIRETORES
- >
- >Os relatos dos funcionários dão conta do perfil conivente de alguns
- >diretores. No linguajar local, são chamados de "paga-pau".
- >
- >"É o diretor que negocia o seu cargo", informa a Fundacentro. "É aquele
- >diretor que compra pizza e coca-cola do dinheiro do bolso dele para os
- >meninos para garantir que a casa não vai ter rebelião. Ele negocia com os
- >pilotos, com as lideranças da casa."



- >
- >No dia da apresentação do relatório, no auditório da Fundacentro no Jardim
- >Paulista, a presidente da Febem, Berenice Gianella, disse que ao visitar
- >uma das unidades estranhou ser acompanhada de vários internos, em qualquer
- >lugar onde ia. Foi informada que eram os "faxinas", mesma denominação
- >utilizada para os líderes nos presídios.
- >
- >Durante uma rebelião, a postura desses diretores têm conseqüências, informa
- >a Fundacentro: "A casa desandada (controle na mão dos internos), nas mãos
- >dos meninos com a convivência do diretor paga-pau e de monitores sem uma
- >postura firme, pode abrir precedentes para troca de favores, como levar
- >celular e até drogas para dentro das unidades, e favorecer a ausência de
- >rotina e a resistência a essa rotina por parte dos meninos."
- >
- >Em casos opostos, há pressão sobre os funcionários pela linha-dura, como
- >mostra este depoimento registrado no relatório:
- >
- >"O diretor não pegava na minha mão, não me cumprimentava, poucos colegas
- >me cumprimentavam. Aí eu então falei: estou numa situação difícil. Então eu
- >comecei a mudar o meu jeito de ser, comecei a ficar ruim que nem eles,
- >comecei a ficar duro que nem eles, eu comecei a enrijecer e largar a minha
- >humanidade e sanidade pra poder enrijecer e ficar junto com os mano..."
- >
- >Para outro monitor, há duas formas de lidar com os internos:
- >
- >"Vocês têm dois jeitos de conseguir convencer adolescentes a fazer o que
- >quer. Um deles é a porrada. É, tô sendo realista, um deles é a porrada, né?
- >Ou você chega no cara (...) e 'pum-pum' e o outro é idéia. E para trocar
- >idéia, me desculpa, o indivíduo precisa falar a linguagem do adolescente
- >senão ele não consegue convencer."
- >
- >Outros diretores são descritos pelos funcionários como alienados. São
- >burocratas e, dos gabinetes, nem imaginam o cotidiano da instituição:
- >
- >"A diretora tinha acabado de comprar o taco de beisebol, aí falei, gente,
- >vocês são loucos, isso tem que ficar guardadinho aqui (...) não passa isso
- >pros meninos, porque vai acontecer isso, isso e isso, então tem pessoas que
- >entram na direção de uma casa e eles não têm a mínima noção do pátio,
- >entendeu?"
- >
- >Outra diretora, segundo os trabalhadores, levava sua cachorra para o
- >interior da unidade:
- >
- >"O animal atacou alguns funcionários, inclusive uma funcionária grávida...
- >a diretora ainda lava e seca as roupas da cachorra junto com as dos
- >adolescentes..."
- >
- >4. OS INTERNOS
- >
- >No meio do tiroteio entre funcionários e direção estão eles: os internos.
- >Sob risco de vida, como aponta o relatório. "Quando o ECA não é cumprido, o
- >menino é colocado em situação de risco de vida, porque em uma mesma unidade
- >são colocados grupos de facções rivais. O monitor, em sua função, deve
- >proteger o interno, o mais fraco e o mais forte, além de conter o mais
- >forte", diz um dos trechos.
- >
- >Amontoados:
- >
- >"Na minha opinião a forma de se evitar é colocar por faixa etária, a
- >proporcionalidade do grau infracional, tem que ser igual também e quarto
- >com menos gente, esse quarto com 5 pessoas é um crime (...) Cinco, seis,
- >isso quando não tem sete, num quarto que é para atender dois
- >adolescentes."
- >
- >Sob risco de violação sexual:
- >
- >"(Entre as funções do monitor está) evitar que os meninos sejam maltratados
- >por outros meninos (Ex.: estupro). A superlotação das unidades favorece
- >este tipo de prática especialmente à noite quando estão recolhidos para
- >dormir, sendo impossível para o monitor impedir tal prática, mesmo que
- >realize as habituais rondas."

>
>Em fuga:
>
>“O nosso papel hoje é de educador, nós não estamos ali pra correr atrás de
>menor em fuga, então vamos evitar até onde nós pudermos. Abriu a porta,
>começou a correr, deixa correr porque se você correr atrás, ele bater a
>cabeça no chão e morrer, você vai responder pelo processo. É melhor você
>responder o processo com ele vivo do que com ele morto.”
>
>Durante uma rebelião:
>
>“Eu devia ter uma semana de Fundação, mas está registrado até hoje na
>minha mente. Eles fizeram a rebelião pra poder chamar a atenção dos
>funcionários e, em paralelo, pegaram um menor que tinha isqueirado
>(delatado), contando uma inverdade a respeito do outro, e massacraram esse
>menor. Tem um lado interessante: massacraram e eu simplesmente corri lá no
>meio deles, tirei o moleque do meio, o moleque já todo ensangüentado,
>socorremos o menor, enfermaria, PS.”
>
>Após uma rebelião ou tumulto:
>
>“Quando o movimento é apenas de tumulto, monitores e coordenadores
>experientes controlam a situação no grito. A primeira coisa é ficar de pé,
>se estiver sentado; bater a cadeira no chão e gritar pára, pára. Após o
>controle da situação, forma-se todos os meninos no pátio, só de coruja e dá
>uma lição de moral neles.” (“Formar de coruja” significa ficar só de
>cueca.)
>
>Um relato de monitor, registrado no relatório, sobre a falta de plano de
>carreira entre os funcionários sintetiza a visão de todos sobre os
>internos:
>
>“À noite sempre é os mais antigos, porque a noite é como se fosse um prêmio
>(…) Então, é uma promoçãozinha que você recebe porque eles não dão outro
>meio de vida pra pessoa, não tem outros cargos... Se eu for um cara bem
>visto, quiser dar aquilo como prêmio, manda ele pra noite.”
>
>À noite os adolescentes estão dormindo. Ou, como os próprios monitores
>relataram, sendo violados.
>
>Alceu Luís Castilho

